



Para quem quer saber da ditadura

Dezembro 26th, 2007 (20 visualizações)

Por **Almyr Gajardoni**:

O lançamento do livro do ex-governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins, segunda-feira à noite, na gigantesca nova sede da Livraria Cultura, poderia ser definido como uma reunião política dos anos 1970, quase uma sessão nostalgia. Lá estiveram dois ex-governadores como ele, do tempo da ditadura – José Maria Marin e Laudo Natel.

Dos tempos democráticos, lá esteve Cláudio Lembo – mas faltou Geraldo Alckmin. Os cinco são os únicos ex-governadores paulistas ainda vivos. O banqueiro Olavo Setúbal, importantíssimo híbrido de político e empresário naqueles anos longínquos, há muito tempo desaparecido das rodas sociais, também apareceu. O coronel Erasmo Dias, secretário da Segurança de Paulo Egydio, foi um dos primeiros na fila dos autógrafos.

Tinha motivos: no livro, Paulo Egydio assume total responsabilidade pela catastrófica operação de repressão a uma manifestação de estudantes comandada pelo secretário na Pontifícia

...nina motivos. No livro, Paulo Egydio assume total responsabilidade pela catastrófica operação de repressão a uma manifestação de estudantes, comandada pelo secretário, na Pontifícia Universidade Católica, que resultou em queimaduras gravíssimas em quatro moças. Graças a isso, Erasmo foi por muito tempo odiado e desprezado em São Paulo, o que não impediu que se elegeesse deputado estadual e vereador, já nos tempos da democracia. Atualmente, está, também, recolhido ao ostracismo.

[Mais:]

Dos modernos apareceram o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o governador José Serra, o vice-governador Alberto Goldman, o rabino Henry Sobel, todos personagens de episódios narrados no livro. Este é um apanhado das 45 horas de depoimento prestado por Paulo Egydio ao pessoal do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, o muito elogiado Cepedoc da Fundação Getúlio Vargas, contido em robustas 584 páginas.

Foi editado em parceria pela FGV e a Imprensa Oficial de São Paulo. Começa com as indispensáveis informações biográficas, memórias da infância e da juventude. Mas o que mobilizou tantos políticos, novos e antigos, para a festa do lançamento, foram os capítulos com os depoimentos do autor, figura central de todos eles – sobre o período da conspiração contra o governo de João Goulart, no meio empresarial paulista, de que Paulo Egydio já era um expoente; o período, já na ditadura, em que foi ministro da Indústria e Comércio do governo Castello Branco; e, finalmente, o período em que foi governador do Estado, eleito indiretamente, já no governo do general Ernesto Geisel. Era sabido, na época, que Paulo Egydio em São Paulo, Aureliano Chaves em Minas e Sinval Guazzelli no Rio Grande do Sul, formavam o tripé de governadores com que Geisel contava para ajudar a tocar o processo de abertura política lenta e gradual.

Tanto para quem viveu naqueles tempos, quanto para quem hoje quer conhecê-los, é leitura obrigatória. O depoente às vezes escorrega na imodéstia, como quando apresenta-se como o responsável por convencer Geisel a assumir a liderança do grupo militar deixado órfão pela morte de Castello Branco. Ou quando se apresenta como portador de novidades angustiantes sobre a iminência de uma ruptura violenta entre a União Soviética e a Tchecoslováquia – duas nações que, por sinal, nem existem mais – e seus frustrados esforços para interessar por elas os governos do Brasil, de que fazia parte, e dos Estados Unidos.

